



Um pouco de estória

A Horticultura Brasileira, completando o seu décimo ano, saiu de sua infância e logrou entrar, com muita saúde, na sua juventude. Ter recebido o convite de apresentar nesta contracapa um pouco da estória, que com o passar dos tempos vira história, foi para mim motivo de satisfação e preocupação. O primeiro, por ter sido presidente da Comissão Editorial que criou a revista; o segundo, por ter a certeza de que alguns pontos serão esquecidos - estes, certamente, por culpa da própria estória...

Com diversos números atrasados da sua antecessora, a Revista de Olericultura, com a necessidade de se ter na Sociedade de Olericultura um veículo aberto a todos os setores representados pelos seus sócios - pesquisa, extensão, ensino e, principalmente, produção -, com a entrada de uma nova presidência na SOB (J. Muller), plena de disposição para mudar para melhor, aparece a Comissão Editorial da revista (F. Reifschneider, R. Cobbe, L. Giordano e W. Maluf), em julho de 1982, com uma enorme vontade de fazer algo bom e duradouro e sem um tostão (o tempo já não permite saber se era cruzeiro, cruzado ou qualquer outro artefato monetário brasileiro!).

Com o indispensável e sempre presente apoio do CNPq, da EMBRAPA/CNPq e de gente humilde e importante, saiu o primeiro número em 1983, homenageando o Prof. Marcílio Dias. A nova revista deveria ser apresentada e aprovada pela Assembléia Geral da SOB - e assim aconteceu, apesar dos pessimistas, que durante a Assembléia garantiram que tudo era "fogo de palheiro" e de um determinado radical que jurou que o Prof. Marcílio "não aprovaria a nova revista, ainda mais com uma capa onde ele estava junto a um pé de café". O tempo, como sempre, impôs a verdade.

Como em toda a família, os pais do primogênito também se preocuparam em criar e manter um conjunto de normas que deveria ser obedecido e aplicado, com toda a igualdade, a todos os manuscritos submetidos a

publicação. Esta a origem do primeiro e único conflito familiar que resultou em uma pequena, mas necessária alteração na composição da primeira comissão; uma mudança importante, pois a revista se aproximou da iniciativa privada, através da entrada de novo editor (P. Della Vecchia).

Com o advento da Nova República - alguém ainda se lembra dela? - e com as ingerências políticas posteriores, três dos membros da comissão, agora enriquecidos pela adição de um jovem editor (A. Café), decidiram aceitar um convite da EMBRAPA para assessorar o Centro de Tecnologia Agrícola de El Salvador no ano de 1987. Neste ano, a revista basicamente ficou em mãos habilidosas de dois editores (Café e Della Vecchia), devidamente assessorada por colegas e estudantes - um deles se tornou editor e, hoje, é o presidente da Comissão Editorial (G. Henz). Olhando para trás, vejo que este foi um período marcante para mim: reconheci, mais uma vez, que nada é eterno e que a renovação, sempre que racional e ordeira, é uma necessidade.

Com isto, chegamos a atual Comissão Editorial, cujo Presidente havia sido treinado na sede da revista, um cubículo de 3,5 x 1,5 metros tão honrosamente ocupado. Entendo que as dificuldades de verba e de trabalhos de alta qualidade, dos diversos setores, continuam sendo muitas, mas sempre vencidas pela força de vontade.

O futuro não faz parte da história. Mesmo assim, gostaria de deixar registradas algumas das minhas preocupações para a adolescente Horticultura Brasileira. A revista, única no Brasil a abrir seu espaço para todos os setores, ainda adolece da falta de participação dos produtores de hortaliças. A formação de técnicos, a geração e a transferência de tecnologias, feitas pelos setores público e privado, tem que ser um caminho de mão dupla. As necessidades tecnológicas e de mão de obra especializada, assim como as demais demandas do setor produtivo, tem que dar a pauta para o conteúdo da revista. Os mecanismos para implementar esta via dupla são complexos e devem ser desenvolvidos juntamente com os produtores. Certamente, o ponto crítico é definir o público alvo da revista, considerando as necessidades do Brasil e a função e responsabilidade sociais que todos nós brasileiros temos. Igualmente importante é a utilização, para alguns setores, de mecanismos alternativos ao papel impresso (processo lento, caro e sujeito a muitos erros) para a divulgação do conteúdo da revista, apesar da reserva de mercado que tantos danos causou ao processo de informatização do Brasil.

Dizem os romanos que ninguém deve se preocupar em aqui ver e fazer tudo de uma só vez, pois Roma é eterna. Assim se-ja, também, a nossa Horticultura Brasileira.

(Francisco J.B. Reifschneider)
Programa de Cooperação FAO
Banco Mundial, Roma.

Horticultura Brasileira, v. 1, nº 1, 1983 — Brasília, Sociedade de Olericultura do Brasil, 1983 —

Semestral

Títulos anteriores: v. 1-3, 1961-1963, Olericultura. v. 4-18, 1964-1981, Revista de Olericultura.

Não foram publicados os v. 5, 1965; v. 7-9, 1967-1969.

Periodicidade até 1981: Anual.

1. Horticultura — Periódicos. 2. Olericultura — Periódicos. I. Sociedade de Olericultura do Brasil.

CDD 635.05

Programa de apoio a publicações científicas

